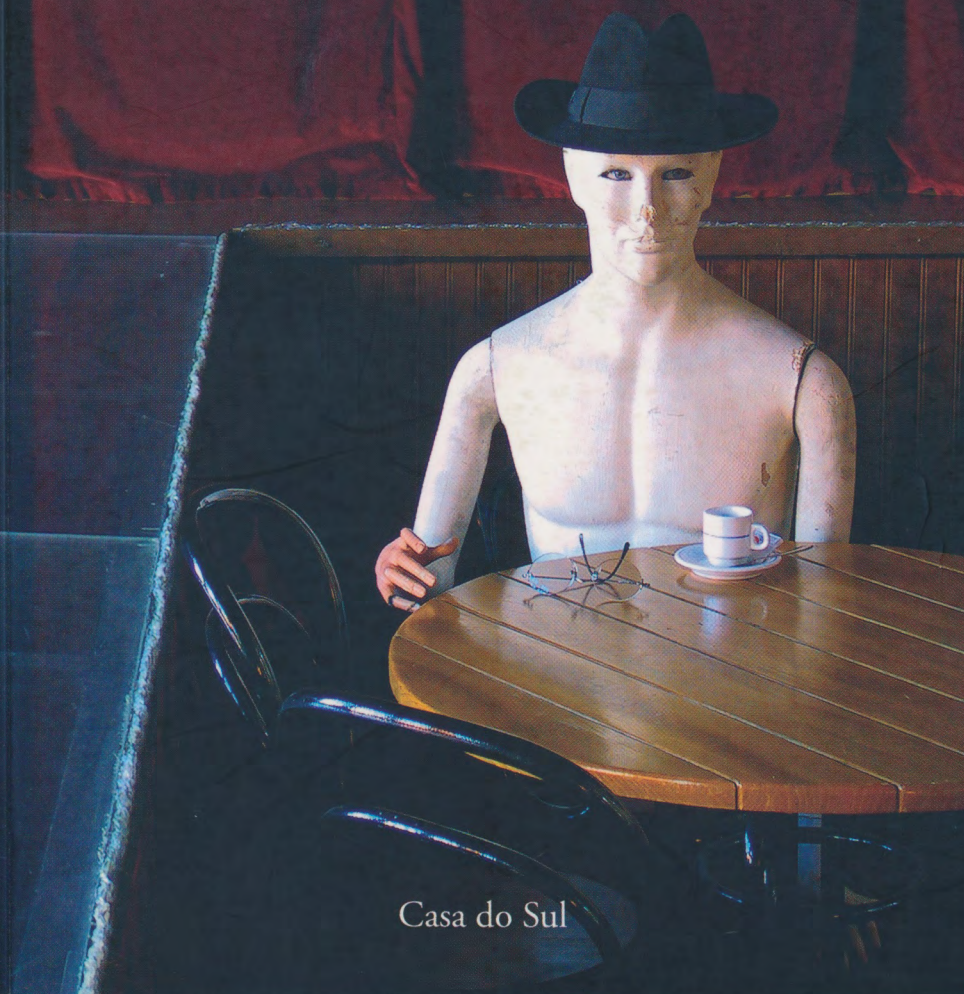


Armando Nascimento Rosa

AUDIÇÃO

com Daisy ao vivo no Odre Marítimo



Casa do Sul

Fotografia encenada e capa
Fernando Colaço

Pesquisa de Adereços
Alexandre Lopes

Transcrições para Partitura
Paulo Jorge Pires

© Armando Nascimento Rosa
Publicado por Casa do Sul Editora
Apartado 2181 7001 . 901 Évora

ISBN: 972-8661-04-5
Depósito Legal: 171165/02

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, Lda.

ARMANDO NASCIMENTO ROSA

A U D I Ç Ã O

COM DAISY AO VIVO NO ODRE MARÍTIMO

CASA DO SUL EDITORA

FIGURAS

ACTOR CANDIDATO

VERA

JAZZ-SINGER

APRESENTADOR DO ODRE MARÍTIMO

DAISY MASON WATERFIELDS

FERNANDO PESSOA

ÁLVARO DE CAMPOS

MÃE DE FERNANDO PESSOA

MARY BURNS

A concepção da peça prevê que o texto possa ser interpretado por um só actor, que se desdobrará nas diversas figuras convocadas no palco. Uma hipótese de parceria possível que sugerimos é o da presença de uma actriz-cantora que interpretará (algumas d)as diversas canções, como se fosse a personificação teatral da imaginada Mary Burns (e que, por exemplo, figurará também como mãe de Fernando Pessoa).

No caso de haver um maior número de actores-duplos, para o desempenho de trechos da personagem do candidato, não se deve perder de vista que a audição é protagonizada por uma só pessoa proponente, pelo que os figurinos manifestarão a uniformidade, em cada um deles, necessária à permanência dessa ilusão. Pensamos por isso que, neste caso, o primeiro actor a surgir em cena será aquele que representar a personagem de Daisy; ao ser ele a operar o transformismo necessário à composição d(o)a protagonista, conferirá unidade dramática à figura do actor solista – esta hipótese daria também ao intérprete um tempo mais considerável para proceder à respectiva metamorfose. Com a multiplicação de actores, todas as canções poderão e deverão ser cantadas ao vivo – incluindo O Exílio da Noite e Ma Blonde – por intérpretes que substituam ou que acompanhem vocalmente o actor que nesse momento esteja em cena.

Um actor, vestindo roupa prática, entra em cena, segurando numa das mãos um radiogravador portátil. Pousa-o a um canto, juntamente com uma mochila que trazia às costas. Observa inquiridor em seu redor, mede o espaço cénico com os olhos. Num lugar visível da cena, encontra-se um toucador de camarim ladeado por um manequim peruqueiro; o boneco tem dimensões humanas e reflecte-se também num outro espelho que está diante de si. Duas ou três mesinhas redondas de café agrupam-se com as respectivas cadeiras.

ACTOR CANDIDATO: Que vou eu fazer aqui, no meio do palco? Não decorei textos de nenhum clássico, não tenho grande poder de improvisar, apenas de falar ... às vezes também escrevo versos. O que eu queria era compor peças, daquelas sérias, em que as pessoas se intimidam quando o actor fixa os olhos como agulhas espetadas nas órbitas dos espectadores. É aqui que todos se descobrem Édipos incestuosos, que todos lá no íntimo sentem que traíram o velho Hamlet antes de o assassinar. O veneno nas orelhas é vertido pelas palavras, pelos gestos dos actores no estrado.

O estrado feito circo no centro do espaço e a plateia em volta fecha o anel de fogo. Sou eu o escorpião e todos querem ver, saber, saborear o instante em que eu enterro o agulhão no dorso. Aplaudem com prazer a minha morte, mas eu voltarei à vida. Sou um animal prodigioso.

Se eu vos morder, se o meu corpo, a minha voz, o que eu disser vos ferir, é melhor estarem preparados antes de decidirem rir ou sair ou fugir deste lugar ...

Mas vou deixar de rimar porque o que eu gosto é de representar as cenas de uma peça que não li com as falas que me vão surgindo assim, ao correr do cérebro.

Quando quiserem, mandem-me embora! Gritem que me querem ver daqui pra fora! Força! Bem alto pra que todos oiçam! – Não vos vai servir de nada. Eu vou, mas volto logo a seguir. Um actor a valer nunca desiste. Mesmo depois de morto no teatro da vida, ele continua a actuar em surdina, no espectáculo imenso da sua desapareição. Podem vocês continuar a vê-lo nas fitas, no ecrã caseiro da tv, mas aqui no palco não. O palco é o ringue decisivo do combate. Quando o actor já não comparece mais, os espectadores fiéis – se os houver – esperam então que ele represente a peça da perfeita ausência. Toda a melancolia do mundo se cola ao chão de um palco desabitado. É uma goma cuspida que se pega ao silêncio da música, na voz amplificada já ouvida muitas vezes. A um canto da cena, estão os sapatos usados de quem se despediu, definitivamente.

Mas eu sou ainda jovem. Hei-de envelhecer se um carro na estrada não chocar comigo, se uma doença longa ou repentina não me acabar com o pio, se em noite aziaga não levar uma sova mortal. Irei viver ainda muita coisa! Já vivi até hoje alguma. Das peripécias de por cá andar darei o testemunho. Disto se faz a matéria do teatro.

Querem que eu fale de mim? Açam que ajuda à selecção dos candidatos? Eu não faço ideia pra que diabo de função fui chamado. No jornal um quadradinho em letras gordas dizia apenas isto: «Precisa-se de alguém que saiba representar».

Dentro disto cabe tudo e não se pode adivinhar o que é ao certo. A sala continua escura no lugar da assistência. Os focos estão todos virados pra me denunciarem, pra que eu possa ser observado de todos os ângulos. E eu nada

vejo em troca. Só me posso esconder atrás de mim e das palavras. Mas é justo que assim seja. Eu vim pra representar, não podia esperar outra coisa.

Vou falar-vos um pouco de mim. Talvez ajude. Talvez me ajude a inventar o que eu gostava de ser e não sou. Por isso sou actor. Porque sempre desejei vir a ser tantas coisas e tão diferentes entre si que o melhor foi decidir-me pelo teatro. Aqui todas as minhas vocações se realizam e se extinguem ... depois da rápida glória, conhecem o declínio. É mais bela toda a extinção quando percebemos que é possível renascer uma e outra vez de entre as cinzas da terra.

Mau! Estou-me a afundar em poesia de novo. Já não me escolhem se for pra um anúncio de televisão, a um crédito bancário, a um novo modelo de telefone portátil. Sei lá, por mais banal que fosse era sempre um serviço bem pago. E é este o meu drama: pagam-me sempre mais pelas coisas que menos prazer me dão. É uma espécie de masoquismo financeiro. Por uma careta qualquer, um esgar patusco, umas frases tontas, ganha-se o suficiente para umas férias nos trópicos; tornamo-nos conhecidos, chamam por nós nas ruas, pedem-nos autógrafos nos hipermercados. Não é o Shakespeare nem o Tchekov que nos tiram do anonimato. Mas sim a pasta dentífrica, o telemóvel, a picadora multi-usos, a sopa sintética, os juro da poupança-habitação, a gasosa com sabor a detergente.

Quando falo disto lembro-me sempre do que se passou com aquela minha colega veterana. Uma senhora actriz com quem aprendi muito. Nunca vi ninguém encarnar como ela a *Winnie dos Dias Felizes*. De uma austeridade e de uma candura arrepiantes. A voz enrouquecida, como se fosse maltratada, e não era, que ainda hoje tem ela uma soberba voz de soprano. A essa artista fizeram há dois anos uma proposta tentadora. Filmar um anúncio a um

crème anti-rugas, mostrando o antes e o depois de aplicar esse unguento milagreiro. Ela aceitou maravilhada; poderia finalmente comprar a casa dos seus sonhos. A condição imposta pela marca dos cremes foi a de que ela se submetesse – em segredo, claro – a uma cirurgia plástica ao rosto, totalmente patrocinada. Estão a ver o filme, não é? Nada comparado com aquela senhora do jet set, que alugou às televisões a cara reciclada. Aqui o impacto teria de pertencer somente à pomada. Quem viu o *spot* na televisão, sabe o assombro que foi. O creme vendeu-se a peso de ouro, esgotou-se em todo o lado. As rugas mantêm-se mais ou menos como dantes na cara das consumidoras. Só a nossa amiga actriz se viu livre delas. Mas agora ficou com um rosto demasiado jovem para interpretar a velha *Winnie* do Beckett. Ora e porquê ralar-se? Já não a chamam pra papéis de avó-matrona, em vez disso, convidam-na pra desempenhar mulheres-mistério de idade indefinida que seduzem liceais imberbes nas telenovelas de produção nacional. Não deixou por isso de ser a excelente actriz que era, mas reparem na ironia desta história: após décadas nos palcos, ela só viria a conhecer a fama mediática depois de vender a cara a uma banha-da-cobra.

Enfim, de que me queixo eu? A ditadura da beleza juvenil não deixa ninguém indiferente aos seus tentáculos. Tempos houve em que eram as mulheres as mais oprimidas pela tirania da beleza. Hoje o assalto é geral e unissexo. Os modelos tiram-nos o emprego. De que serve o nosso talento trabalhado? O nosso tu-cá tu-lá com as vanguardas teatrais mais exigentes? Vem um fulano qualquer bem-parecido saído das passarelas – como dizem os brasileiros – e logo nos passa a perna. Pode dizer tudo com a mesma entoação, não mudar de expressão facial durante dez minutos. E isso que importa, comparado com a imponência do corpo ao natural a pôr línguas de fora?

É verdade que o teatro é feito de corpos. A beleza vinga-se sobre aqueles que a não têm. Desde quando é que a natureza é democrática? ...

Mas o teatro não é natureza, é um combate corpo a corpo com ela, para a domar, para dela tirar um ouro que se evapora dos actores em cada noite. E cada noite deve ser noite de estreia.

O culpado desta mania da beleza é o cinema. Estamos fartos dos filmes, sempre aquele baralhar e dar de novo as cartas já sabidas, mas nunca temos coragem de os recusar. Corremos em direcção à sua mentira enlatada como um esfomeado assalta uma montra com comida. Os filmes fornecem um intervalo a nós mesmos. Quando estamos sob o seu efeito narcótico, abdicamos da vida que é a nossa porque ela passa a confundir-se com aquelas sombras que se sucedem na pantalha branca. Mas como é que um actor pode dizer mal do cinema? Só se for dor de cotovelo ou vocação missionária. Eu não sofro disso. O cinema está pra nós, actores, como a invenção da escrita esteve para os primeiros poetas. O actor confia nos olhos do público como o poeta antigo confiava na memória daqueles que o escutavam e repetiam os seus versos. Mas os versos acabavam por perder-se no tempo dos vindouros e o público esquece-se de nós mais depressa do que a memória desses pré-históricos.

Tretas! Desejar a eternidade. (*Dá algumas gargalhadas cêpticas.*) A nossa imagem juvenil e bela e acrobática. (*Simula passes de ginástica ballética, admirando a sua própria destreza.*) Quando o corpo obedece às ordens do nosso instinto, quando ainda não nos abatem o reumatismo ... os bicos de papagaio ... as hérnias abdominais ... Suponho que não haverá coisa pior pra nós, actores, do que uma angina de peito com a sua lança cravada em pleno palco. É o coração sodomizado pelo punhal da morte, por uma overdose fatal de vida.